

Ética e prática educativa

Cipriano Carlos Luckesi¹

Artigo publicado na Revista ABC EDUCATIO, nº 44, abril de 2005, páginas 28 e 29.

Lawrence Kohlberg, pesquisador norte-americano, seguindo as pegadas de Jean Piaget, publicou em 1969 um artigo, estabelecendo as fases do desenvolvimento moral no ser humano, que, segundo ele, são três: pré-convencional, convencional e pós-convencional.

A pré-convencional é egocentrada e pode ser expressa pela frase: “tudo para mim”; a fase convencional é caracterizada por condutas realizadas e enquadradas nos limites da lei, cuja expressão pode ser: “sou um fiel e ético cumpridor das normas e dos contratos”; a fase pós-convencional configura-se pela prática do serviço à vida, que ultrapassa o cumprimento dos deveres dentro da formalidade da lei, podendo ser expressa pela frase: “estou a serviço da vida”.

Acredito que a compreensão exposta por esse autor, nos trás angústias por estampar diante de nós que ainda nos encontramos, genericamente falando, na primeira fase do desenvolvimento ético do ser humano, mas também, ao mesmo tempo, nos permite pensar sobre a necessidade da educação ética em nossas escolas. Através de um “olhar de vôo de pássaro” sobre a realidade de vida em nosso país assim como fora dele, tendo presentes as fases acima expostas, a primeira coisa que salta diante de nós é que a humanidade, predominantemente, encontra-se eticamente na fase pré-convencional, que pode ser traduzida pela famosa “lei do Gerson”, que em algum tempo atrás era voz comum em nosso cotidiano, segundo a qual “em tudo se deve levar vantagem”.

Isso pode ser visto tanto nos âmbitos macros como micros da vida social, tanto nas condutas públicas como privadas, nas condutas daqueles que detém o poder político e econômico na vida social como daqueles que somente detém o poder sobre seus atos individuais.

¹ Doutor em Educação, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA. E-mail para contato: luckesi@terra.com.br

No nível macro, no âmbito da política internacional, qual foi a ética que norteou a declaração da guerra ao Iraque, com base em informações sem fundamentos? Que interesses estavam ocultos nas decisões dos governos norteamericano e inglês? No âmbito nacional, que interesses estão por detrás de todos os atos de corrupção política e econômica, que são estampados diariamente em nossos jornais e revistas? Qual a ética que se faz presente nas barganhas políticas em nosso país? No nível micro, qual é a ética que se faz presente quando um motorista não cumpre as regras do trânsito, devido um guarda não estar presente para puni-lo? Qual é a ética que se faz presente, quando tiramos vantagens de situações cotidianas em detrimento de nossos vizinhos? Qual é a ética que se faz presente quando um estudante simplesmente copia um texto da Internet para entregar ao professor na escola como uma tarefa feita por ele?... Enfim, genericamente, podemos dizer que tanto no nível macro como micro, estamos, ainda, como humanidade, na fase pré-convencional de desenvolvimento ético. Não atingimos nem mesmo a segunda fase, que se configura pelo cumprimento estrito e formal da lei, quanto mais a que se expressa pelo serviço à vida.

Diante desse quadro, o que fazer? A meu ver, nós educadores, em nossas salas de aula, temos uma responsabilidade imensa de formar gerações e gerações de educandos, que aprendam a viver com uma postura ética, que se encaminhem na direção do estado de desenvolvimento pós-convencional. Minimamente, para viver em sociedade, que se saia da posição egocentrada e se chegue à fase convencional, onde, pelo menos, a lei, como expressão das relações coletivas entre seres humanos, possa ser respeitada.

Para tanto, necessitamos, como educadores e educadoras, de um lado, acolher nossos educandos, mas também confrontá-los para que ultrapassem o estado do “tudo para mim e para os outros nada”. Acolher não é uma atitude piegas, onde quaisquer atos dos educandos devem ser entendidos como adequados ou bons; mas sim uma atitude de dar continência para que se apresentem como são, sem excluí-los por isso; e, então, a partir daí, poder confrontá-los, o que significa pedagogicamente mostrar-lhes outras possibilidades de ação, que tenham os outros como parceiros, como sócios de uma experiência, onde todos tem direito ao seu quinhão. Parafraseando o psicanalista francês Jacques Lacan, poderíamos dizer que atitude ética pré-convencional se expressa como o “gozo”, que aqui significa a impossibilidade de fazer um movimento para além do estado de desenvolvimento egocentrado em que se está. Nosso papel de educador e educadora será, nesta linha de desenvolvimento, ajudar nosso

educando a deixar de “patinar” nesse estado ético infantil, abrindo-se para as possibilidades da socialização.

Nessa situação, temos uma protoética, ou seja, nem mesmo chegamos a uma ética, que minimamente exige a consideração do outro. Sem a aprendizagem, por menor que seja, do respeito ao direito do outro, nós permaneceremos num estado ético predominantemente infantil; que, a um infante, bem cabe, mas a um adulto, não.

Como agir? Todos os nossos atos escolares possibilitam situações onde as questões éticas estão presentes, pois que em todas elas existem relações entre pessoas. Como nós respeitamos nossos estudantes, exercendo nosso papel de educador ou educadora com a melhor qualidade possível? Como nossos estudantes respeitam as normas da escola, para a qual eles solicitaram uma vaga? Como os estudantes respeitam seus colegas em suas relações diárias, de conversas, de escuta, de não-desqualificação, de não-ironia...? Como os estudantes respeitam e cumprem suas tarefas diárias? Então, a todos os instantes, nossos educandos podem ser educados, tendo em vista o desenvolvimento de condutas éticas minimamente saudáveis, na perspectiva de uma vida adulta autônoma e independente, mas integrada com os outros; a serviço, ao mesmo tempo, de si e dos outros. Afinal esses são os objetivos da educação para o século XXI, formulados pela UNESCO: ao lado do aprender a conhecer e do aprender a fazer, importa o aprender a ser e, conseqüentemente, o aprender a viver juntos. A educação é um modo de agregar significados a cada um dos nossos atos. Essa é uma de nossas tarefas fundamentais: auxiliar, como adultos da relação pedagógica, cada um dos nossos educandos a tornar mais significativas suas condutas para consigo mesmos e para com os outros. Só, assim, aprenderão, para o seu presente como para o seu futuro, o modo de viver socialmente, na comunidade, na cidade, na sociedade. A direção da formação ética será do pré-convencional na direção dos pós-convencional.

Sei que a educação, para o desenvolvimento ético dos nossos educandos, necessita, além do concurso de nossos atos pessoais e individuais de educadores e educadoras, da participação da sociedade organizada também a serviço desse processo. Há que se incluir nessa compreensão a ótica sistêmica, mas esse será conteúdo para um próximo texto.